

## **Perspectivas para o ensino do Inglês para Fins Ocupacionais (IFO)**

A presente comunicação irá abordar três fases distintas no ensino do Inglês como língua estrangeira (ILE):

1. O aparecimento do Inglês para Fins Específicos (IFE);
2. Uma sub-divisão do IFE que emergiu numa época posterior – o Inglês para Fins Ocupacionais (IFO);
3. A consolidação do IFO e perspectivas futuras para o seu ensino.

O IFE, segundo Strevens (1978,190-191) parece ter tido origem no séc. XVI – em 1576 – data em que se publicou o primeiro guia turístico para visitantes estrangeiros. Também apareceram os cursos os cursos de língua *German for Science Students* que para o investigador "can be properly regarded as the earliest form of specific purposes language teaching". A citação parece evidenciar o carácter pragmático do ensino da língua e a existência de um público – alvo específico.

De igual modo, em Portugal, os primórdios do IFE parecem ter tido lugar com a "aula do comércio", durante o governo pombalino um pouco mais tarde, em 1759. Destinavam-se aos comerciantes da época e visavam melhorar as trocas comerciais com outros povos. Também aqui está patente o carácter utilitário da língua das aulas e a selecção do público a que se destinava.

Howatt (1984) refere que havia a necessidade de ensinar o Inglês dos Negócios aos protestantes que vieram para a Inglaterra no séc. XVI. Tal necessidade originou que se ensinassem, dentro do Inglês Língua Estrangeira (ILE) termos comerciais, e correspondência comercial que continuaram a difundir-se até ao séc. XIX, que se poderá considerar já o início do Inglês para Fins Ocupacionais (IFO), uma vez que se relacionava com o desempenho profissional dos comerciantes da altura. Todavia o Inglês para Fins Específicos (IFE) só passa a ter significado durante e após a Segunda Guerra Mundial. Se, durante o conflito foi sendo perceptível o desenvolvimento das tecnologias apoiadas pela investigação científica que iriam permitir a um dos contudentes ganhar o conflito – os Estados Unidos (EU) –, no período do pós-guerra esse desenvolvimento foi-se expandindo cada vez mais, aliando-se ao comércio internacional, que também se desenvolveu com grande rapidez.

Tínhamos assim, um mundo dominado por duas forças – a tecnologia e o comércio. E é, precisamente, neste contexto internacional que surge a necessidade de encontrar uma língua internacional que possibilite a comunicação também à escala internacional (Torre, 1999). A língua que reunia tais condições parecia ser o Inglês – língua franca universal – dado o papel desempenhado pelos EU e a Grã-Bretanha no conflito, bem como pelo facto de serem duas potências ao nível mundial. Mas não só. A sua eleição, para além de considerar os motivos políticos deteve-se, de igual modo, em critérios económicos e demográficos:

- 1) um terço da população mundial vive em países onde o Inglês é a língua nativa dominante (Brito e Moreno, 1997);
- 2) é a língua com maior número de publicações de todo o tipo;
- 3) mais de dois terços da população científica mundial escreve os seus artigos e livros em Inglês;
- 4) é a língua mundial do comércio, da marinha mercante, do tráfego aéreo, das conferências internacionais, da diplomacia, das comunicações, da economia e da contabilidade.

Toda a conjuntura aludida fez com que o espectro do Inglês se fosse alargando a novas tendências, ou seja ao aparecimento do IFE, ao desenvolvimento posterior do IFO e do Inglês dos Negócios (IN).

Já nos anos 50, Morris (1950, 20) preconizava que os programas de Língua Inglesa (LI) necessitavam de privilegiar skills linguísticos particulares e métodos que se coadunassem com os objectivos específicos do público-alvo. A razão de tal mudança, residia no facto dos aprendentes do pós-guerra não verem a aprendizagem da LI como sinónimo exclusivo de prestígio social, mas também por estarem conscientes de uma necessidade de natureza prática e de uma motivação que os levava a procurar a comunicação em contexto específico como algo primordial (*'use of language'*, Widdowson, 1978) para se movimentarem no mundo emergente da Ciência, da Tecnologia e dos Negócios.

Nos anos 60/70, os cursos de IFE/IFO focalizavam-se na linguagem escrita, valorizando a correspondência comercial diversa. Aí, os conteúdos variavam entre reclamações gerais, pedidos de informação e as situações ligadas à importação e exportação. Era dada ênfase ao vocabulário específico que também aparecia em textos sob a forma de diálogos acompanhados de glossários, de termos considerados difíceis e também algumas questões. O que interessava era dotar os alunos com palavras e expressões que ocorriam em situações de trabalho (IFO), apoiados em textos genuínos.

Portanto o IFE e em seguida o IFO estiveram ligados a três necessidades comunicativas decorrentes do pós-guerra que Candlin (1979, 6) descreve como sendo:

- 1) "International communication";
- 2) "Transmission of science and technology";
- 3) "English as an international language".

No entanto Gomez (1997,15) conclui que uma das características mais marcantes deste tipo de Inglês é o facto de ele ser o meio de comunicação por excelência dos falantes de L2: "It is a remarkable feature of English that probably more communication takes place between L2 users of it than between L1 users. (...) The growth of business and increased occupational mobility is resulting in a need of English as a common medium of communication," o que resulta, na actualidade, numa importância cada vez maior atribuída ao '*off-shore English*', ou seja o que Duddley-Evans e St. John, (1998,19) chamam: "The English spoken or written between Europeans who do not share first languages and have learned English for practical than academic reasons."

Na segunda metade da década de 70/80 os cursos de IFE/IFO deram a primazia à interacção falada (Cotton e Owen, 1980), de cariz funcional, que se baseava em saudações, apresentações, concordar/ discordar, entre outras actividades, através de diálogos. De um modo geral, constatou-se a existência de necessidades diferentes que pendiam, cada vez mais para uma vertente profissionalizante. Assim, em meados dos anos 80, o IFO baseava-se na comunicação de situações de negócios, do tipo conversas telefónicas e reuniões (Howe e Ellis et al, 1986) onde já abundava o vocabulário específico inerente aos conteúdos focados que se relacionavam, de uma maneira directa, com uma futura inserção no mercado de trabalho. Por último, nos finais dos anos 80/90 começou a dar-se relevância ao aspecto negociativo, nomeadamente ao '*bargaining*', como reuniões e discussões de negócios, apresentação de situações e problemas financeiros, troca de informações e negociação.

No que diz respeito ao Ensino Superior Politécnico, a LI incidiu e incide, como mencionei, no Inglês Empresarial/ Negócios, num desempenho profissional marcado; daí já não se chamar IFE, mas uma sua subdivisão, o IFO, devido à proliferação das áreas dos Negócios, Finanças, Economia, entre outras, consequência do desenvolvimento científico e tecnológico que antes referi.

Todavia, já em 1976, Godinho detectou que havia a necessidade de se criarem cursos práticos de Inglês científico, tecnológico, entre outros

nas Universidades portuguesas, para se colmatarem as falhas existentes no Ensino Superior (Martins, 1993), dado que formam professores, por exemplo na área das Humanísticas cujas licenciaturas não contemplam o ensino das línguas para fins específicos e/ou ocupacionais. Portanto a sua formação académica não os preparou para esse tipo de docência, visto que é inexistente a formação de professores de IFE/IFO em Portugal, o que, no presente momento se torna numa situação insustentável (Cunha, 2000). A este propósito Ribeiro refere (1991, 11-12): "(...) nada foi feito (...) pelas instituições de Ensino Superior em Portugal para pôr fim a esta situação, continuando a lançar no mercado de trabalho professores de línguas sem conhecimentos relativos aos temas específicos, nem tão pouco promover reciclagens ou formação para aqueles que se encontram a leccionar nesses cursos. (...) A formação pedagógica dos professores de Inglês nunca incluiu nem inclui, hoje em dia, qualquer conteúdo correspondente, relacionado com IFE," ou sequer com IFO. Portanto, se é necessário encarar a LI de uma forma diferente, tendo, cada vez mais em vista a inserção dos alunos no futuro mercado de trabalho, haverá que contemplar a formação dos docentes nesses domínios específicos, para que se possam, de facto encarar novas perspectivas para o ensino quer do IFE, quer do IFO. Foi a constatação de uma tal lacuna que impulsionou os professores – sobretudo os do Ensino Superior Politécnico, em particular dos Institutos Superiores de Contabilidade e Administração de Aveiro, Coimbra e Porto – a investigarem pelos seus próprios meios, deslocando-se regularmente a congressos, seminários colóquios e eventos vários no domínio do IFE/IFO como oradores ou participantes.

Uma vez que, nos últimos anos, tem-se vindo a verificar uma proliferação de cursos no âmbito dos Negócios, da Economia, Contabilidade e Finanças, bem como da Ciência e Tecnologia, tanto a nível estatal como particular, em diversas Universidades e Institutos Superiores e Politécnicos, alguns dos quais incluem, nos seus planos de estudos a LI (Martins, 1993). Portanto deveria haver uma formação que acompanhasse a procura. Mas isso não acontece nas Universidades portuguesas, visto que o relacionamento entre estas, as Empresas e o Estado não é fluido (Lourenço, 2000). As primeiras por transmitirem conhecimentos de uma forma fechada, as segundas por se depararem com conhecimentos não adaptados às suas solicitações e o terceiro por falhar no seu papel de regulador e financiador do aproveitamento prático dos estudos. Em especial nas Faculdades de Letras os elencos curriculares não contemplam IFE/IFO, nem tão pouco como área opcional, à luz do

que é feito em Inglaterra, por exemplo, nas Universidades de Aston, Birmingham e Reading. Daí que, também no domínio das Línguas Estrangeiras urje inovar, para se poder acompanhar os requisitos ditados pela sociedade do novo milénio.

Para além de se contemplarem as necessidades dos alunos, no processo de ensino-aprendizagem, haverá que incluir, de igual modo, as necessidades dos professores das disciplinas específicas, das instituições e das empresas, tendo em conta o perfil do graduado proposto pela Unesco (1998) nesse sentido, que se coaduna com um elaborado por mim para os alunos do Curso de Contabilidade e Administração, a saber:

Assim, o futuro empregado no sector da Contabilidade, dado que poderá obter estágio/emprego no estrangeiro e conduzir a sua vida num ambiente cultural diferente do seu país de origem, deverá saber: a) defender-se com êxito numa entrevista, visando um futuro emprego ou uma promoção; b) utilizar o vocabulário específico em situações ligadas ao sector; c) ser entendido em situações básicas do quotidiano (ex: pedir ajuda ou informações sobre hotéis, direcções ou outras); d) negociar, tendo em consideração que um encontro ou uma reunião de negócios terá objectivos diversos (ex: troca de informação, tomada de decisões, ou apresentação de um indivíduo ou de um grupo); e) os aspectos culturais dos negociadores são passíveis de influenciar a negociação, pelo que haverá a necessidade de os estudar previamente, numa perspectiva comparativa, a cultura do 'eu' e do 'outro'; f) intervir em reuniões, colóquios ou seminários, com comunicações ou apenas como participante; g) tirar notas/apontamentos; h) apresentar relatórios de actividades desenvolvidas ou a desenvolver, tendo em conta que é necessário, por exemplo, contornar os problemas financeiros, sempre que existam, tentando viabilizar futuras soluções; i) aplicar e investir os lucros resultantes de uma qualquer operação financeira, de modo a que, tanto a empresa como os trabalhadores usufruam de tal aplicação; j) apresentar propostas de trabalho tendo em vista melhorar o trabalho de equipa.

Penso serem as perspectivas que se põem para o ensino do IFO, a curto e a médio prazo. Só depois de consideradas todas as necessidades aqui enumeradas poder-se-ão direccionar as práticas para a investigação da linguagem dentro da sala de aula, tendo em conta, nomeadamente, as interacções entre o falante nativo e não nativo (sobretudo o "off-shore English") (Duddley-Evans e St. John, 1998) que têm por objectivo a comunicação e a sociedade, estudando, por exemplo o *genre* (Swales, 1990) e o vocabulário específico das comunidades discursivas das diferentes profissões, uma maior exploração de casos rela-

cionados com o cruzamento de culturas ("cross-cultural issues") (Connor, 1996), ou ainda a focalização no "New English" (James, 1998), como seja o Inglês falado em Singapura, no sentido de se verificarem as diferenças ao nível sobretudo semântico e lexical.

Tendo em conta os diversos enfoques e tecnologias que se encontram à nossa disposição, onde dominam a globalização e a cidadania universal, não será difícil ao IFO encontrar novas perspectivas para enriquecer as suas práticas. Limitei-me, apenas a enumerar algumas.

Maria Ivone Osório Cardoso e Cunha (I.S.C.A.P., I.P.P.)

### **Bibliografia**

- Candlin, C. (1979), "Preface." in: J. Richards (ed.), *Error Analysis: Perspectives on Second Language Acquisition*, U.K., Longman.
- Connor, U. (1996), *Contrastive Rhetoric*, Cambridge Applied Linguistics.
- Cotton, D; Owen (1980), *Agenda Casebook*, London, Harrap.
- Cunha, M. (2000), *Estudo Diacrónico do IFE/IFO em Portugal: a problemática dos erros lexicais dos alunos dos ISCAS*, Aveiro, Tese de Doutoramento não publicada.
- Duddley-Evans; St. John (1998), *Developments in ESP*, Cambridge, CUP.
- Godinho, J. (1976), *Da necessidade de se criarem Cursos Práticos de Inglês Científico nas Universidades Portuguesas*, Lisboa, Livraria Almedina.
- Gomez, E. (1997), "Demandas de las lenguas de la unión Europea en Ofertas de Empleo", in: Chamorro; Navarrete (eds.), *Lenguas Aplicadas a las Ciencias y las Tecnologías: aproximaciones*, Cáceres, Universidad de Extremadura, 13-16.
- Howatt, A. (1984), *A History of English Language Teaching*, Oxford, OUP.
- Howe, B.; R. Ellis et al. (1986), *Visitron: the Language of Meetings and Negotiations*, London, Heineman.
- James, C. (1998), *Errors in Language Learning and Use*, London, Longman.
- Lourenço, H. (2000), "Um Olhar sobre o Ensino Artístico", in: *A Página da Educação*, ano 9, n.º 95, Outubro, 5-9.
- Martins, T. (1993), "O Papel da Interdisciplinaridade no Inglês Técnico", in McGuinty, M. (ed.), *Actas do IV Congresso de Línguas Aplicadas às Ciências*, Évora, 235-246.
- Morris, J. (1950), "Designing a Course in Advanced Listening Comprehension", in: Mackay; Mountford (eds.), *English for Specific Purposes*, London, Longman, 99-109.

- Ribeiro, M. (1991), *Da necessidade da Formação de Professores de Inglês para Fins Específicos*, Aveiro, Tese de Mestrado não publicada.
- Stevens, P. (1978), "Special Purpose Language Learning: a perspective", in: Kinsella, V. (ed.), (1978), *Language Teaching and Linguistics: surveys*, Cambridge, CUP, 185-203.
- Swales, J. (1990), *Genre Analysis: English in Academic and Research Settings*, Glasgow, CUP.
- Torre, M. (1999), "Investigação, Formação e Ensino: Diálogos (Im)possíveis", in: Actas do ENDNELE, Universidade do Minho, 487-491.
- Widdowson, H. (1978), "The Communicative Approach and its Application", in: *English for Specific Purposes* (101), Bogotá: The British Council, 22-33.

